

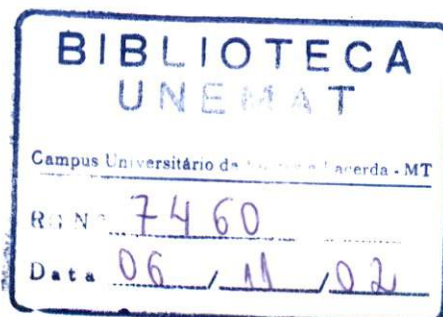
ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GRASSO
CAMPUS UNVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA

O EDUCADOR, O EDUCANDO E A CULTURA NO ENSINO DE
LÍNGUA INGLESA

MARIA APARECIDA CUBITZA PEREZ

37(=111)
P438e
Ex 1
C92569740

PONTES E LACERDA, AGOSTO DE 2002



ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA

O EDUCADOR, O EDUCANDO E A CULTURA NO ENSINO DE
LÍNGUA INGLESA

Ensaio Monográfico apresentando à
UNEMAT/Campus Universitário de
Pontes e Lacerda como requisito
final para a obtenção do grau de
Licenciada em Letras.

Orientadora: Profª Carmem Zirr

Pontes e Lacerda, agosto de 2002

Dedico este ensaio monográfico aos meus filhos, Kleber Welton, Priscila Aparecida, Luiz Fernando e ao meu esposo Wagner Villar, que sempre estiveram ao meu lado incentivando-me.

A minha família que sempre apoiou-me
nesta jornada.

Enfim, agradeço a todas as pessoas que
direta ou indiretamente participaram desta
etapa de minha vida.

“Deveremos sempre lembrar que a língua é aprendida, não porque queremos falar ou ler ou escrever sobre a língua, mas porque queremos falar e ler e escrever sobre o mundo”

(C. Cazden)

SUMÁRIO

Capítulo	Páginas
APRESENTAÇÃO.....	07
I.TEORIA.....	09
DEFINIÇÃO DE CULTURA.....	11
O PAPEL DO ENSINO DE LINGUA INGLESA VISTA PELOVIÉS DA CULTURA.....	12
CONSIDERAÇÕES PARA SAIR DO “SENSE COMUM ”.....	16
II.METODOLOGIA.....	21
A CLIENTELA.....	21
O INSTRUMENTO.....	21
A COLETA DE DADOS.....	22
III.APRESENTAÇÃO E DIVULGAÇÃO DOS RESULTADOS.....	23
IV.CONCLUSÃO.....	26
V.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	27
ANEXOS.....	

APRESENTAÇÃO

O presente ensaio monográfico objetiva discutir questões que falam sobre o ensino de Língua Inglesa e os aspectos culturais que norteiam o ensino de línguas. As dissertações foram feitas em quatro partes: na primeira parte abordamos a definição de cultura; na segunda parte comentamos sobre o papel do ensino de Língua Inglesa vista pelo viés da cultura; na terceira parte tecemos comentários sobre algumas considerações para sair do “senso comum” e por último realizamos uma pesquisa utilizando um questionário como um instrumento, a fim de obter respostas sobre a concepção do ensino de Língua Estrangeira Moderna e suas influências/e ou benefícios que esta pode propor aos educandos.

Falar sobre cultura e o ensino de Língua Inglesa, não é tão simples como parece, pois há várias explicações principalmente por estarmos falando de uma língua que, do ponto de vista do país da fala, domina ou impõe-se economicamente.

Tomando como base as questões referidas acima e a partir de uma pesquisa realizada em uma escola da rede pública de Pontes e Lacerda em junho de 2002, pudemos observar alguns estereótipos que ligam o ensino de Língua Inglesa a aspectos culturais.

Neste trabalho propomos pesquisar alguns teóricos e citar suas discussões, que será o de provocar uma reflexão partindo de conceituação de cultura. Logo após fazer um paralelo entre a historicidade dos métodos do ensino de línguas e a relação que estes métodos tem com a cultura atual em nossa escola, no aspecto metodológico deste ensino.

Ao analisar o papel da língua na cultura, foi feita uma reflexão sobre o professor, o aluno e cultura no ensino de línguas.

Na tentativa de propor algumas sugestões para o trabalho em sala de aula para desmistificar alguns estereótipos, trabalhamos de forma a provocar reflexões e nos questionar. Que tipo de alunos queremos, um aluno passivo que não reflete sobre a sua cultura e só apercebe-se dentro da cultura do outro? Ou um aluno que participa das discussões em que se veja como sujeito e que faça parte do processo cultural do seu país. Ao reconhecer-se enquanto cidadão de mundo, o estudante de línguas reflexivo e consciente é aquele que não rejeita este ou aquele idioma, preconceituando ou mensurando a sociedade seja esta qual for, mas que valoriza e respeita as línguas e jamais menospreza a sua.

CAPÍTULO I

TEORIA

Para entendermos a existência dos seres humanos no mundo é preciso levarmos em consideração que os mesmos são seres pensantes e capazes de entender o meio em que vivem. Através da comunicação e por meio da linguagem criadora o homem elabora a sua própria história, transformando e criando suas próprias idéias, deixando assim de ser mero copiador.

É necessário salientar que a atuação humana no mundo não deve ser vista apenas como uma ocupação de espaço físico, e sim como todo um movimento contínuo de sua existência, pois a mesma possui consciência suficiente sobre este processo interacional. É essa consciência que produz a realidade cultural humana. Confirmando essa idéia Paulo Freire afirma:

“Para os seres humanos, o aqui e o ali envolvem sempre um agora, um antes e um depois. Desta forma, as relações entre os seres humanos e o mundo são em si históricas, como históricos são os seres humanos, que não apenas fazem a história em que se fazem mas, conseqüentemente, contam a história deste mútuo fazer.” (FREIRE, p: 68)

Ao reproduzir o seu espaço sócio-político, o homem também reproduz o seu espaço cultural. Assim, no contexto histórico de cada sociedade, produz-se diferentes formas de cultura, bem como as mesmas também se reproduzem nas relações sociais entre diferentes sociedades.

A linguagem como instrumento primordial de comunicação é sem dúvida a expressão do pensamento humano, sendo também conjunto de sinais com os quais o homem exprime o seu pensamento. Assim como a cultura, as línguas podem ser

variadas. Sendo assim “A língua como instituição também varia em função do patrimônio cultural acumulado”. (ELIA: 46)

Neste sentido o estudo da língua estrangeira na escola, independente dos objetivos educacionais, oferece ao educando a possibilidade de através desta aprendizagem entrar em contato com outras culturas para assim melhor compreender a sua própria. Outra questão também preponderante é que o aprendizado de uma outra língua colabora no desenvolvimento de uma habilidade muito importante na escola: **a habilidade da leitura**. Como leitor crítico, cabe ao aluno visualizar no mundo esta nova aquisição como um instrumento de melhor compreensão da sua realidade sócio cultural.

Diante dessas expectativas, percebemos que é preciso pensar no ensino e na aprendizagem das Línguas Estrangeiras Modernas em termos de competências abrangentes e não estáticas, nas quais a língua é considerada: “(...) uma vez que uma língua é um veículo de comunicação de um povo por excelência e é através de sua forma de expressar-se que este povo transmite sua cultura...” (PCNS – Ensino Médio – p. 152).

Assim, surge aqui a necessidade de uma análise sobre a importância do estudo da língua estrangeira em nossas escolas. Vejamos o que dizem os parâmetros:

“No âmbito da LDB e do Parecer do CNE, as línguas estrangeiras modernas recuperaram, de alguma forma, a importância que durante muito tempo lhes foi negada. Consideradas muitas vezes, e de forma injustificada, como pouco relevantes, elas adquirem agora a configuração de disciplina tão importante quanto qualquer outra, do ponto de vista da formação do aluno”.(Revista TV Escola, maio / junho 2002, pág: 17).

Diante dessa afirmação dos PCNS constatamos que o estudo de uma Língua Estrangeira é uma atividade não só necessária como também um fator preponderante de auto-afirmação pessoal. O domínio de uma Língua Estrangeira, qualquer que ela

seja: espanhol, inglês, francês, italiano, etc, abre aos educandos um leque de possibilidade de interação com outros povos, o que lhes permite ampliar suas chances face à competitividade do mercado de trabalho tão exigente nos dias de hoje.

1.1 DEFINIÇÃO DE CULTURA

Entre as inúmeras concepções de cultura optaremos pela antropológica e a humanista, por acreditar que são as mais relevantes para a reflexão que nos propomos fazer. Há duas definições gerais pontuadas teoricamente sobre as mesmas. Nos deteremos na definição antropológica de cultura, pela crença de que o termo cultura é muito mais amplo do que somente ver a cultura do ponto de vista do mundo letrado, pois visualizamos uma cultura que vai além, ou seja, todo comportamento e forma de viver de um povo, independente, de sua classe social e sua condição financeira. E com isso apontamos como não sendo a condição financeira de uma pessoa ou um grupo social, que evidencia a cultura de um povo, mas todo um conjunto de situações que definem a cultura desse povo.

Para melhor entendermos este assunto, observemos o seguinte conceito de cultura Antropológica:

“Cultura é todo comportamento humano-cultural, transmissão social... Cultura é saudação dirigida a alguém... é a forma de educar a prole... é o modo de vida da sociedade... Cultura é um termo que dá realce aos costumes de um povo.” (ULLMANN, 1980: 86)

Segundo Santos (1983: 24), há duas concepções básicas de cultura. A primeira preocupa-se com todos os aspectos de uma realidade social. Assim cultura diz respeito a tudo aquilo que caracteriza a existência social de um povo ou nação ou então de grupos no interior de uma sociedade. Podemos assim falar na cultura

francesa ou na cultura xavante. Do mesmo modo falamos na cultura camponesa ou então na cultura dos antigos astecas. A segunda está referindo-se mais especificamente ao conhecimento das idéias e crenças, assim como às maneiras como eles existem na vida social. Observem que mesmo aqui a referência à totalidade de características de uma realidade social está presente, já que não pode-se falar em conhecimentos, idéias, crenças sem pensar na sociedade à qual refere-se.

A partir das observações acima, compreendemos que não há uma cultura melhor do que a outra, mas sim maneiras diferentes de comportamentos e costumes de povos componentes de uma sociedade. E, mesmo fazendo parte de uma sociedade, há pessoas de diferentes níveis sociais com aspectos culturais característicos. Todos estes fatores são determinantes na formação da cultura de um país ou uma região.

1.2 O PAPEL DO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA VISTA PELO VIÉS DA CULTURA

Observando o quadro educacional brasileiro, acreditamos que nem sempre a instituição escolar pública tem a coerência do papel que a língua inglesa ocupa em nosso contexto sócio-político. O ensino de uma língua estrangeira tem a possibilidade de fornecer ao aprendiz desta nova língua requisitos primordiais para o entendimento de si próprio e das relações com os outros componentes educativos deste importante processo. Diante disto comenta Moita Lopes:

“Todas as disciplinas devem colaborar para fazer o educando chegar mais perto de si mesmo, isto é, entender melhor o seu papel político, social e histórico”.(1996: 43)

É preciso ter claro que, ao ensinar uma língua estrangeira, não estamos fazendo com que o educando adquira a cultura do outro, mas sim fazer com que o aluno entre em contato com novas culturas e tenha conhecimento sobre o comportamento de um povo, analisando seus costumes e diferenças sociais. Para os comentaristas dos “PCNS” este conhecimento é enriquecedor:

“Trata-se de algo extremamente enriquecedor para o aluno, que constrói uma compreensão mais real do que é a complexidade cultural de um país e também uma percepção crítica das tradicionais visões pasteurizadas e unilaterais de uma cultura (por exemplo, as visões tradicionais de que os ingleses tomam chá às cinco horas da tarde ou de que são todos extremamente polidos).”(1998: 48)

É de suma importância porém, deixar evidente que uma cultura não possa ser superior ou inferior a outra e que muitas vezes essa cultura é confundida com a situação econômica do país da língua a qual estamos ensinando. Também se torna interessante o fato de que a maioria dos países que falam o idioma “Inglês” são países economicamente dominantes como os Estados Unidos, Inglaterra, Canadá, Austrália e Nova Zelândia e isso pode acabar gerando na maioria dos alunos brasileiros um sentimento de inferioridade. Neste sentido torna-se negativo o fato de que muitos destes alunos passam a considerar a cultura do outro melhor que a sua própria cultura.

Confirmando está idéia Moita Lopes afirma:

“É também válido dizer que a insistência em uma motivação excessivamente integrativa pode ser tornada como uma forma de colonização cultural e lingüística (...) e a incorporação de hábitos culturais, ou seja, as cópias xerox do falante nativas, não podem ter outro motivo senão o de domínio cultural”.(1998: 42, 43).

Este domínio cultural é seriamente observado no trabalho pedagógico, pois percebe-se que os orientadores de língua inglesa, muitas vezes exprimem o ensino de

inglês a questões sócio-políticas de motivação, ao invés de direcionar esse ensino a questões metodológicas e lingüísticas. A língua está imersa em lutas sociais, econômicas e políticas, portanto não pode ser deixado fora de cena da sala de aula. É muito cômodo lidar com o inglês como se ele fosse uma língua neutra da comunicação global. Quem ensina inglês não pode deixar de considerar as relações de seu trabalho com a expansão da língua, avaliando criticamente as implicações de sua prática na produção e reprodução das ideologias dominantes.

O professor de inglês deve ser um agente político que engajado num projeto pedagógico crítico, ajude o seu aluno na articulação de “contra-discursos”.

Verificamos a importância desse “contra-discurso” nos PCNS:

“(...) a consciência crítica em relação a linguagem possibilita o surgimento de novas práticas sociais por meio de criação de espaços na escola para a construção de contra discurso.” (1998: 47)

O papel da linguagem neste momento é muito importante, pois pode resgatar no aluno através das habilidades lingüísticas, a autoconfiança, identidade política, social e cultural. Para MOITA Lopes, (1996: 59). A sala de aula de língua estrangeira é uma excelente oportunidade para discutir estas questões, sejam através de textos, filmes, poemas, músicas trazidas para o interior da sala de aula para desmistificar alguns estereótipos, construídos através dos tempos.

Embora tenha-se discutido muito, percebemos que ultimamente o ensino da língua inglesa ainda enfrenta grandes barreiras a serem vencidas por parte dos mediadores do conhecimento pertencentes a esta área, pois a maioria destes, não conseguiram desvencilhar-se da forma estereotipada de ver o ensino de línguas como uma elevação sempre da cultura do outro e a desvalorização da sua. Estes conceitos que são perpassados pelos educadores em sala de aula, certamente irão de alguma forma refletir na vida futura dos educandos, fazendo com que os mesmos, não

aperceba-se, enquanto cidadão, de um país que é oprimido por países que os dominam economicamente. Passando assim a valorizar os povos e costumes de quem fala a língua inglesa como sendo estes, os “melhores”.

Paulo Freire (Pedagogia do Oprimido 1987: 150) faz algumas considerações sobre invasão cultural e diz que “invasão é uma forma de dominar economicamente e culturalmente o invadido... Quanto mais se acentua a invasão, alienando o ser da cultura e o ser dos invadidos, mais estes quererão parecer com aqueles: andar como aquele vestir a sua maneira, falar ao seu modo”.

Dessa forma, nós os educadores, se não fizermos uma reflexão sobre que alunos queremos formar, vamos contribuir para a perda de nossa identidade cultural.

Assumindo, assim, uma postura relativamente harmonizadora nas diferenças culturais, como professores precisamos pensar na nossa relação com o outro como vias de duas mãos e não isolada. Neste sentido é preciso manter o devido equilíbrio nas trocas culturais, pois nem sempre o que é de outro país é o melhor para a minha realidade, porém é possível o aproveitamento de algo que seja útil para aquele país, que também seja útil para mim.

São nestes questionamentos que detectamos a relevante utilidade do professor, enquanto educador, pois segundo Dick Allwright and Kathleen M. Bailey:

“A teacher may be liked as a person, and well respected as a professional, and yet not teach in a way that suits everybody in class, to the extent that some learners may find that teacher quite useless to them.” (ano: 162)

Desta forma vemos que o professor pode ser muito querido enquanto pessoa e bem respeitado enquanto profissional, porém se deixar de transmitir conceitos básicos de respeito, cidadania e criticidade mediante a realidade sócio-cultural do seu aluno, a sua utilidade enquanto profissional deixará de existir.

Ainda citando Paulo Freire (1987: 156), “(...) a reconstrução da sociedade, que não se pode fazer mecanicistamente, tem na cultura que culturalmente se refaz, por meio desta revolução, o seu instrumento fundamental”.

Queremos com esta afirmação concordar que, de forma alguma Paulo Freire não nega a importância de ensinar-se uma língua estrangeira e seus aspectos culturais, não negando a sua importância enquanto informação para quem está aprendendo uma nova língua e até mesmo através desta aprender a fazer um contraponto com a sua cultura. Mas isso não indica que devemos negar as nossas raízes, costumes e tradições em detrimento de uma outra cultura.

O ensino da língua inglesa em seu aspecto cultural pode ser visto, portanto como:

“Um procedimento pedagógico útil para mostrar ao aluno que a linguagem é uma prática social, ou seja, envolve escolhas de parte de quem escreve ou fala para construir significados em relação a outras pessoas em contextos culturais (...)” (PCNS, 1998: 43)

As palavras não servem a apenas para comunicarmos; os gestos dizem muito sobre a forma de pensar das pessoas, assim como as tradições e a cultura de um povo, esclarecem muitos aspectos da sua formação, visão de mundo e de aproximar-se dele. Assim, as similaridades e diferenças entre as várias culturas, a constatação de que os fatos sempre ocorrem dentro de um contexto determinado.

1.3 CONSIDERAÇÕES PARA SAIR DO “SENSO COMUM”

Vivemos em uma sociedade marcada por uma tradição que envolve traços nacionais e regionais, os quais apresentam diferentes maneiras de ensinar e aprender uma determinada língua estrangeira em uma dada escola. Essa tradição age sobre o professor, que por sua vez traz para o ensino disposições pessoais e valores

desejáveis da sua própria abordagem, a qual se completa com a concorrência de uma abordagem específica de ensinar língua estrangeira contida num livro didático. “(...) a aula nesse caso, será o inescapável desfiar de páginas de textos e exercícios nos quais o aluno não se vê como pessoa em formação e superação”.(ALMEIDA Filho, p: 27).

Neste sentido acreditamos que os livros didáticos são desmotivadores, pois os textos que neles encontram-se são, na maioria das vezes, elaborados e/ou selecionados tendo em vista o ensino do componente sistêmico. Sendo assim, o aluno apenas decodifica códigos, os quais encontram-se descontextualizados, fora de sua realidade.

Dick Allwright and Kathleen M. Bailey aborda essa questão quando relata:

“T: Is it a dog?
S: Yes, it isn't.
T: Can you see a sofa in Peter's room?
S: No, I can.
T: Who is this girl?
S: Yes, it is.
T: Are you a girl?
S: No, I am Kiel (name of a city) (...)
Such bizarre responses occurred across all the linguistic structures investigated in this study. These sorts of utterances may cause serious communication difficulties or contribute to fossilization if the notion of auto-input is correct (...)”. (1991, p: 146)

Esse ato mecânico desenvolvido na escola não se utiliza, normalmente, dos dados das pesquisas que refletem a língua em uso. Sendo assim, o aluno pode estar recebendo pouca informação em relação às regras da fala. Essas situações revelam que o livro didático gramatilizante é o pivô organizador dessas aulas documentadas.

Para confirmar esse pensamento PAIVA comenta:

“(...) possíveis falhas na elaboração do material didático, mas especificamente no diálogo lá inserido, podem estar contribuindo para o não desenvolvimento da competência comunicativa do aprendiz. (1996, p: 124)”.

Ao ensinar uma língua estrangeira o professor precisa estar consciente que a aprendizagem dá-se sempre num contexto político-cultural do contato com o da língua materna. Para os comentaristas dos “PCNS” este conhecimento é enriquecedor:

“Essa estratégia de correlacionar os conhecimentos novos da língua estrangeira e os conhecimentos que já possui de sua língua materna é uma parte importante do processo de ensinar e aprender a Língua Estrangeira. Tanto que uma das estratégias típicas usadas por aprendizes é exatamente a transferência do que sabe como usuário de sua língua materna para a língua estrangeira”.(PCNS, Ensino Fundamental p.: 32)

Esta estratégia propõe condições que desperta no aluno o interesse pela língua estrangeira, pois a mesma como um todo pode possibilitar ao aluno um novo código lingüístico que o ajudará a compreender o seu próprio, e também terá chance de por ventura transportar-se para outras realidades. “Conhecer valores de outras culturas desenvolve a percepção da própria, promovendo a aceitação das diferenças nos modos de expressão e de comportamento”.(Revista Nova Escola, 2002, p: 61).

Desse modo, o papel educacional da Língua Estrangeira é importante para o desenvolvimento integral do aluno, como verificamos nos PCNS:

“É preciso pensar no processo de ensino-aprendizagem das línguas estrangeiras, em termos de competências abrangentes e não estáticas, uma vez que uma língua é um veículo, por excelência, de comunicação de um povo e, através de sua expressão, esse povo transmite sua cultura, suas tradições e seus conhecimentos. Entender-se a comunicação como ferramenta imprescindível no mundo moderno, com vistas à formação pessoal, acadêmica ou profissional deve ser a grande meta da aprendizagem da língua estrangeira”. (Revista TV Escola, maio / junho 2002, pág: 17).

Dessa forma, a mediação do professor é fundamental em todo esse percurso de aprendizagem, pois a mesma abrange o desenvolvimento e aprimoramento de

atitudes, de pesquisa e de reflexão sobre as descobertas, para promover à autonomia do aluno. “(...) o respeito à autonomia e a dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos, ou não conceder uns aos outros”.(FREIRE, *Pedagogia da Autonomia*, p: 66).

Neste sentido, entendemos que a aprendizagem é de natureza sociointeracional, pois aprender é uma forma de estar no mundo social com alguém, em um contexto histórico, cultural e institucional. Para confirmar esses questionamentos vemos o que Jane Arnold diz:

“If cooperative language learning is to be successful, both teachers and learners need to be adequately prepared, and interesting, relevant topics and materials must be available. In addition, a number of strategies can be employed to facilitate cooperative language learning”.
(ARNOLD, p: 242)

Assim, os processos cognitivos são gerados por meio da interação entre um aluno e um participante para resolver tarefas de construção de significado e conhecimento com os quais esses participantes deparem-se.

Partindo desse ponto de vista percebemos no quê e quanto é possível e apropriado dentro do ensino escolar brasileiro de cada escola, o professor servir-se de um conjunto de termos e idéias que não são só as gramaticais. Por isso, é preciso fazer uma reavaliação em relação a que situações são prováveis o uso da nova língua, para executar que tarefas, para realizar que atos comunicativos, quais tópicos. “(...) ser comunicativo significa preocupar-se mais com o próprio aluno enquanto sujeito e agente no processo de formação através da Língua Estrangeira”.(ALMEIDA Filho, p: 42).

Enfim, constatamos que para ensinar uma língua estrangeira, é essencial uma compreensão teórica do que é a linguagem, tanto do ponto de vista dos conhecimentos necessários para usá-las quanto em relação ao uso que fazem desses

conhecimentos para construir significados no mundo social. Para que isso seja possível, é necessário que o professor aprenda a refletir sobre sua prática de forma sistemática. É esta reflexão que vai gerar nossa crítica na comunidade de professores de que participa, levando ao desenvolvimento na profissão.

CAPÍTULO II

METODOLOGIA

Algumas questões foram propostas com a finalidade de observar e identificar o desenvolvimento do ensino/aprendizagem da Língua Inglesa em uma escola pública estadual.

Para esta análise, estaremos utilizando uma pesquisa reflexiva, sendo assim, os conceitos dos educandos em relação ao ensino/aprendizagem de Língua Estrangeira Moderna, mais precisamente a Língua Inglesa, serão observados criticamente.

A Clientela

Foram 30 (trinta) alunos que responderam ao questionário. A idade deles varia entre 15 e 17 anos, sendo 50% do sexo masculino e 50% do sexo feminino, os mesmos cursam o 1º ano do Ensino Médio.

O Instrumento

Foi através de 7 (sete) questões, com respostas objetivas e reflexivas que a pesquisa desenvolveu-se. Este questionário encontra-se em anexo

A Coleta de Dados

Propus este questionário, durante uma aula de Língua Inglesa na Escola Estadual “14 de Fevereiro”.

CAPÍTULO III

APRESENTAÇÃO E DIVULGAÇÃO DOS RESULTADOS

Todas as questões apresentadas aos alunos, de imediato, exigia deles respostas objetivas, como: sim, não, concorda ou discorda, para a partir daí, surgir as reflexões destas respostas: o por quê?, quais?, dê sua opinião, justifique, como, explique e comente sobre. Com esta estratégia, obteve-se repostas para a pesquisa e o desenvolvimento da habilidade na formação de um leitor crítico, que visualiza-se no mundo e que possa ter opiniões sobre e que não satisfaz-se com uma simples resposta.

Partindo desta expectativa, quase todos os alunos deram respostas positivas às questões, somente 3 (três), opinaram de forma contrária. As questões que divergiram nas respostas foram: 2 e 6.

As outras questões 1, 3, 4, 5 e 7, tiveram obviamente respostas positivas, porém é claro, variando suas explicações.

Detendo este conhecimento, iremos agora analisar todas estas questões e suas reflexões.

Nas questões 1, 2 e 3, a “língua estrangeira” é enfocada e nelas pretende-se saber do aluno, qual o benefício e a importância da aquisição desta “língua estrangeira”, em âmbitos sociais de um povo, se há discussões a cerca desta língua x a língua materna e se viajar ou não a países que essa língua é falada torna-se importante ou independente.

Na questão 1, todos responderam sim e justificaram que aprender uma língua estrangeira amplia os conhecimentos, estreita as diferenças sociais, traz benefícios e conseqüentemente diminui-se os problemas sociais, se tratando de pessoas cultas.

Em relação a questão 2, houve uma exceção à resposta positiva. Nesta resposta contrária, talvez por falta de conhecimento, ele respondeu “Não, pois é muito interessante saber outras línguas além da nossa”. Acreditamos que essa resposta é ambígua e que dá margem para várias interpretações. Nas respostas positivas, a mais significativa, foi que é importante termos o conhecimento de ambas culturas, para então, reconhecer suas diferenças e a partir dessas, saber valorizá-las.^b

Nas respostas da questão 3, observa-se que os alunos estão a par da globalização e que esta, exige constante transformação, independente de o indivíduo viajar ou não, portanto torna-se necessário saber uma Língua Estrangeira, porque o concorrido mercado de trabalho exige.

Todos concordaram ao responderem a questão 4, que quer saber, se a língua é um veículo de comunicação de um povo e que através dela – a língua – a cultura, tradições e conhecimentos são transportados, isto é, transmitidas aos indivíduos.

Em seguida, na questão 5, indaga-se sobre as diferenças e semelhanças entre a língua inglesa x língua portuguesa na sala de aula. A resposta foi positiva e esta aponta diferenças e semelhanças, aguça a curiosidade do aluno, que rapidinho assimila este conhecimento. Assim, este aluno transforma-se em um observador curioso, com ansiedade de aprender mais.

Mais uma vez, houve exceção a resposta positiva, agora na questão 6, que queria saber se as tarefas de língua inglesa que são executadas na sala de aula são de construção de significados. Na resposta negativa o aluno faz um “desabafo” e diz: “Não, pois somos obrigados a aprender o inglês, sendo que o inglês que aprendemos a escrever não aprendemos a falar”. Pela leitura da construção confusa da frase, pode-se notar, que o aluno sente-se obrigado a aprender a língua inglesa, quem sabe

se com o tempo ele não possa desenvolver o gosto pela aquisição de uma língua estrangeira.

Na resposta positiva, quanto ainda à questão 6, pode-se perceber, que não se torna fácil dominar um outro idioma; mas com muita motivação e interesse, professor e aluno, podem construir significados à estas atividades executadas na sala de aula.

A resposta da questão 7, foi unânime. Todos responderam que sim, pois se a aula partir efetivamente dos interesses significativos e necessários ligados à vida cotidiana dos alunos, esta será desenvolvida com motivação e conseqüentemente renderá muito mais e será também absorvida com rapidez. Portanto, cabe ao professor desenvolver em sua aula “links” com o dia – a – dia provocando curiosidade e interesse no aprendiz.

CONCLUSÃO

Neste ensaio monográfico, fizemos levantamentos e propostas para um repensar no ensino/aprendizagem de Língua Estrangeira Moderna, em termos de competências abrangentes e não estáticas.

Tivemos a oportunidade de perceber a complexidade que consiste ao se falar sobre a cultura no ensino de Língua Inglesa. Ao analisarmos o papel da cultura, partimos de uma reflexão sobre o professor, o aluno e a linguagem, sendo que a linguagem é uma prática de quem escreve ou fala, num processo de construção de significados em relação a outras pessoas em contextos culturais.

Destacamos também, a importância do papel da segunda língua adquirida e as transformações positivas que o aluno pode obter através da mesma. Diante destas expectativas, o que se propõe é que o professor aborde a historicidade sócio-cultural inscrita na linguagem, trabalhando paralelamente a compreensão de sentidos.

Neste estudo constatamos também, que ao ensinar uma língua estrangeira, faz-se necessário a compreensão de teorias e a aplicação delas. Para um melhor desempenho do seu trabalho, é necessário que o orientador, desenvolva o hábito de refletir sobre sua prática de forma metodológica, isto é ordenada. Desta maneira, o professor poderá alcançar um método “ideal”, para que o aprendiz realmente construa significados e adquira um segundo idioma.

BIBLIOGRAFIAS

ALMEIDA Filho, José Carlos Paes de. Dimensões Comunicativas no Ensino de Línguas. Campinas, São Paulo: Pontes, 1998 – (Linguagem-Ensino)

ALLWRIGHT, Dick and Kathleen M. Bailey. Focus on the language classroom: an introduction to classroom research for language teachers. Cambridge University Press. USA, 1991.

ARNOLD, Jane. Affect in Language Learning. Cambridge Language Teaching Library. Cambridge University Press – USA. 1999.

BALLALAI, R. “Língua Estrangeira e Ideologia”. Centro Educacional de Niterói, Rio de Janeiro, 1982.

CHAUI, Marilena de Souza. O que é ideologia. São Paulo. Brasiliense, 1994.

ELIA, Silvio. Sociolinguística. Uma Introdução. Rio de Janeiro: Padrão, Niterói: UFF / EDUFF/ PROED, 1987.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido, Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1987.

_____. Ação Cultural para a Liberdade. Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1982.

MOITA Lopes, Luis Paulo da. Oficina de Lingüística aplicada: a natureza social e educacional dos processos de ensino/aprendizagem de línguas. Campinas: São Paulo: Mercado de Letras, 1996 (Coleção Letramento, Educação e Sociedade)

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira. Ensino de Língua Inglesa: reflexões e experiências. Campinas, S.P: Pontes; Minas Gerais: Departamento de Letras Anglo Germânicas – UFMG, 1996.

PAGLIARINI, Maria Inês. Cenas de sala de aula. São Paulo. Mercado de letras, 2000.

Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua Estrangeira / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC / SEF, 1998.

SANTOS, José Luís. O que é cultura. São Paulo. Brasiliense, 1983.

TOTIS, Verônica Pakauskas. Língua Inglesa: Leitura. São Paulo. Cortez, 1991.

ULLMANN, Runholdo Aloysio. Antropologia Cultural. Escola Superior de Teologia. Porto Alegre. São Lourenço de Brindes, 1980.

ANEXO

Instrumento da Pesquisa

1- Ao aprender uma língua estrangeira o aluno entra em contato com novas culturas e tem conhecimentos sobre os costumes e diferenças sociais de um povo? Isso traz benefícios? Quais?

2- Ao trabalhar a língua estrangeira, discute-se de forma crítica a cultura dessa língua x da língua materna? Isso é importante. Por quê?

3- É importante aprender uma língua estrangeira independente do fato de se viajar ou não a países que essa língua é falada? Dê sua opinião.

4- A língua é um veículo de comunicação de um povo, e através de sua expressão, esse povo transporta sua cultura, suas tradições e seus conhecimentos. Concorda ou discorda. Justifique.

5- São apontadas as diferenças e semelhanças entre a língua inglesa x língua portuguesa na aula de língua estrangeira? Como?

6- As tarefas de língua inglesa que são executadas na sala de aula são de construção de significados? Explique.

7- O professor deve colaborar efetivamente com o crescimento dos alunos utilizando conteúdo elaborado a partir dos interesses significativos e necessários ligados à vida cotidiana dos mesmos? Comente sobre.

BIBLIOGRÁFIAS

ALMEIDA Filho, José Carlos Paes de. Dimensões Comunicativas no Ensino de Línguas. Campinas, São Paulo: Pontes, 1998 – (Linguagem-Ensino)

ALLWRIGHT, Dick and Kathleen M. Bailey. Focus on the language classroom: an introduction to classroom research for language teachers. Cambridge University Press. USA, 1991.

ARNOLD, Jane. Affect in Language Learning. Cambridge Language Teaching Library. Cambridge University Press – USA. 1999.

BALLALAI, R. “Língua Estrangeira e Ideologia”. Centro Educacional de Niterói, Rio de Janeiro, 1982.

CHAUÍ, Marilena de Souza. O que é ideologia. São Paulo. Brasiliense, 1994.

ELIA, Silvio. Sociolinguística. Uma Introdução. Rio de Janeiro: Padrão, Niterói: UFF / EDUFF/ PROED, 1987.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido, Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. Ação Cultural para a Liberdade. Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1982.

BIBLIOGRAFIAS

ALMEIDA Filho, José Carlos Paes de. Dimensões Comunicativas no Ensino de Línguas. Campinas, São Paulo: Pontes, 1998 – (Linguagem-Ensino)

ALLWRIGHT, Dick and Kathleen M. Bailey. Focus on the language classroom: an introduction to classroom research for language teachers. Cambridge University Press. USA, 1991.

ARNOLD, Jane. Affect in Language Learning. Cambridge Language Teaching Library. Cambridge University Press – USA. 1999.

BALLALAI, R. "Língua Estrangeira e Ideologia". Centro Educacional de Niterói, Rio de Janeiro, 1982.

CHAUI, Marilena de Souza. O que é ideologia. São Paulo. Brasiliense, 1994.

ELIA, Silvio. Sociolinguística. Uma Introdução. Rio de Janeiro: Padrão, Niterói: UFF / EDUFF/ PROED, 1987.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido, Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1987.

_____. Ação Cultural para a Liberdade. Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1982.

ALVAREZ, Hilary José Carlos Passos dos Diniz. *Comunicação no ensino de*

Língua. Campinas, SP: Pontes, 1988 - (Linguagem e ensino).

ALVAREZ, Hilary José Carlos Passos dos Diniz. *Focus on the language classroom:*

An introduction to classroom research for language teachers. Cambridge

University Press, 1991.

ALVAREZ, Hilary José Carlos Passos dos Diniz. *Cambridge language teaching*

Library. Cambridge University Press - USA, 1992.

BALDWIN, R. *Language Learning e Ideologia*. (em tradução de

Núria. Rio de Janeiro, 1987.

CHAVES, Maria de Souza. *O que é ideologia*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

CHAVES, Maria de Souza. *Uma introdução à Ideologia*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CHAVES, Maria de Souza. 1987.

CHAVES, Maria de Souza. *Opiniões de Opinião*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

CHAVES, Maria de Souza. *Uma introdução à Ideologia*. São Paulo: Paz e Terra, 1987.